EXPEDIENTE.

Para outro numero a interessante carta sobre o varejo das oliveiras e fabrico do azeite do Sr. *Pobre Lavrador da Beira-Baixa.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

FABRICAÇÃO DE FARINHAS, AMIDO E GLUTO.

4246 Vamos dar noticia de um novo invento, tirado de Bulletin de la Société des Encouragements, para a industria nacional da França, extraida de uma memoria de M. Bourgnon de Layre, conselheiro do tribunal real de Poitiers, sobre os estabelecimentos de MM. Veron Irmãos, em Ligugé, para a fabricação de farinhas, amido, e gluto.

Os moinhos, que MM. Veron Irmãos fizerão construir em uma ilha do rio de *Clain* na distancia de seis mil metros de Poitiers, estão dentro de um vasto edificio de cinco andares. O motor consiste em uma serie de muitas rodas hydraulicas da força de 140 cavallos, cujo movimento nunca póde ser alterado pelo abaixamento das agoas, nem pelas enchentes repentinas. — O systema da conjugação das mós e pés dos sobredictos moinhos é aquelle que se chama — á ingleza: (a) doze pares de pedras, que trabalhão constantemente, móem 15:000 kilogrammas de trigo em 24 horas (isto é 32:670 arrateis — trinta e dous mil seiscentos e settenta) o qual rende desde 60 a 70 por cento de farinha fina de primeira qualidade, ou cousa de 75 a 76 por cento de segunda qualidade (mais apertada de mão na peneira).

MM. Veron Irmãos uniram ao estabelecimento dos moinhos uma fabrica de extracção de amido (pós para goma) e nesta fabrica separão elles o gluto por meio do processo de M. Martin descripto a pag. 56 do Bolletim desta Sociedade do anno de 1837, empregando para este fim a machina de amassar denominada, — Fontaine. Eis aqui a maneira como elles operam. — Deitam dentro da sobredicta machina de amassar cousa de 75 kilogrammas de farinha da primeira qualidade (163,350 arrateis, cento e sessenta e tres arrateis e trinta e cinco centessimos) ajuntão-lhe uma pequena porção d'agua e nenhum fermento (nem sal). A machina trabalha, e tanto que a mistura está reduzida a massa, tira-se, divide-se em duas partes eguaes e mettese dentro de dous amidoneiros contiguos, que são uma especie de gamelas compridas, dentro das quaes se revolvem sobre os seus eixos uns cylindros canelados feitos de madeira; estes cilindros por meio da sua rotação em cima da massa, e com o auxilio de uma corrente de agua, pequena e regulada á vontade do operador, vão separando o amido do gluto; aquelle vae em suspenção na agua sahindo pelo bico das gamelas para depositos que o recebem, este fica dentro das mesmas gamelas em uma especie de cola ou grude, e neste estado se tira e guarda á parte.

Para aproveitar e conservar o gluto, reduzindo-o a uma excellente substancia alimentar, MM. Veron Irmãos o tendem (b) sobre duas partes em peso de farinha triga de primeira qualidade, e o levão a uma machina denominada — *demêleur* — que é composta de dous cylindros concentricos, os quaes se revolvem nos seus eixos com diversas velocidades: a saber: o do interior gira rapidamente e o exterior com lentura: o cylindro interior é armado na superficie de muitas cavilhas de madeira, os quaes cortão a massa e lhe dão uma consistencia homogenea, dividindo-a em pequenas parcelas e granulando-a: assim granulada é logo mettida em diversas gavetas de uma estufa unida áquella que serve para seccar o amido, aonde em fim se enxuga e secca em hora e meia.

Depois de tirado das gavetas este gluto assim preparado criva-se em crivos de diverso calibre para se separar o mais miudo do mais grosseiro. Os carolos que ficam das escrivaduras dividem-se n'um moinho de nóz (moinho de caffé) e tamisão-se.

A fabrica de amido de MM. Veron Irmãos consome em cada 12 horas de trabalho 800 kilogrammas de farinha de primeira qualidade (mil settecentos e quarenta e dous arrateis e quatro decimos — 1:742,400) os quaes depois da separação do amido dão 250 kilogrammas do gluto fresco, (quinhentos e quarenta e quatro arrateis e meio — 544,5): esta quantidade de gluto junta a 500 kilogrammas de farinha fina de trigo produz 570 kilogrammas de preparado secco, perdendo 180 dictos na evaporação. — O gluto secco assim preparado não incerra substancia nenhuma que seja insalubre; porque se não emprega na sua fabricação mais do que farinha fina e gluto fresco; conserva todas as suas qualidades alimentarias, e tem a vantagem de encerrar em pequeno volume maior quantidade de substancia nutriente, do que qualquer outra massa cibaria: é de facil digestão, e conservação. — Póde ser empregado em diversos manjares e caldos, e tambem no melhoramento do pão fabricado de farinhas inferiores; igualmente se tirará delle um bom partido ajuntando-o a diversas substancias amilaceas, taes como as feculas, o arroz etc.

Observações do traductor. Este novo descobrimento consiste em poder aproveitar uma substancia alimentar que se desperdiçava, ou que apenas se podia aproveitar misturando-a com farellos para engordar porcos, bois e outros animaes destinados para o açougue. O gluto acha-se em mais abundancia na farinha de trigo do que na dos outros cereaes e daqui vem ser o pão trigo mais nutriente do que o centeio e a boroa, ou pão de milho.

Parece-me que não temos ainda nenhuma fabrica de extracção do amido e seria bem conveniente que se fizesse; porque já temos uma superabundancia de trigo, donde procede (e não do contrabando) a grande baixa do preço.

Quando a agricultura se augmenta é preciso que as fabricas se augmentem na mesma proporção para darem consumo aos productos agricolas; aliás elles se perderão e os lavradores não poderão continuar a cultivar as suas terras.

Este estado de cousas requer a mais séria attenção das futuras côrtes e do governo, pois não póde

(1) Os moinhos á ingleza tem menor diametro do que o das pedras francezas, mas em vez de faserem sessenta revoluções por minuto, chegam a faser cento e vinte; o producto em farinha é maior, mas em paizes mais quentes sahe escaldada. (*Nota do traductor.*)

(1) Tender quer significar amassar assim como se faz ao pão, mas não se deixo levedar. (*O traductor.*)

haver maior desarranjo do que o de sustentar-se uma grande parte da população portugueza com os generos da Asia, da America e da Inglaterra, tendo no seu paiz melhores e mais sadios alimentos.

Será preciso que importemos tapioca, polvilhos, carimá e outras feculas podendo nós fazel-as muito melhores do nosso trigo e das batatas?

E para que será preciso comprar tanto arroz, se temos os melhores legumes do mundo, e podemos ter as mais delicadas massas feitas dos nossos cereaes?

O café e o chá foram uma praga que veio a este reino, porque são bebidas que enfraquecem as forças fisicas, arruinam a saude lentamente e até enfraquecem as gerações, debilitando continuamente a saude dos paes e das mães: além d'isto cada arratel de chá da India faz gastar dois arrateis de manteiga estrangeira. — Para que nos serve essa immensa quantidade de quejo que importamos, se o temos nosso de tão boa qualidade, e podemos sem grande custo imittar essas todas que vem de fóra! Sobre estes diversos objectos alguma coisa escreverei ainda, para vêr se consigo dos portuguezes — *que cheguem a conhecer os grandes bens que lhes deu a natureza.*

Lisboa 12 de abril de 1845.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

A URGENCIA DE FORNECER D'AGUA A GENTE DE LISBOA NÃO DEVE ESQUECER Á CAMARA MUNICIPAL.

4247 Quando se acabam de dar ás camaras moratorias, para pagarem suas dividas, pelas quaes não podem ser obrigadas antes de passarem cinco annos, devemos considerar a de Lisboa com mais meios, para poder nos futuros annos emprehender algumas obras de absoluta necessidade.

Tem a *Revista* apresentado muitos artigos, mostrando a bondade d'algumas aguas que ha dentro em Lisboa, e o como ellas se podem e devem aproveitar. Concordamos em que algumas d'essas obras são dispendiosas, mas quando se consiga abastecer alguma parte d'esta cidade de boa agua, será já um serviço relevante por parte das commodidades e da saude publica.

Temos dicto que a agua da fonte da praia, junto ao terreiro do trigo, é de muito boa qualidade para beber; e ha quem diga que todas as outras d'aquelle sitio são melhores que as aguas livres. Accrescentam que a freguezia d'aquelle bairro dá para os cimiterios trinta por cento menos cadaveres, que as do poente da cidade, que só bebem d'aguas livres. Será esta menor mortandade devida á boa agua, que é um dos primeiros elementos da vida? Não falta quem o presuma.

Ha tambem quem affirme que no bairro das Escólas Geraes se restabelecem doentes de graves molestias, que para alli vão d'outras partes da cidade. Será assim? Val a pena de o examinarem os peritos, e declarar-nos se aquellas aguas são mais saudaveis, do que as que vem dos terrenos calcareos.

Asseveram que a agua da fonte da praia, a qual sae morna, produz excellente digestão bebida uma hora depois, quando está mais fria; e deveria adoptar-se sempre de março por diante, até fins de setembro em lugar do chá, que é na verdade pernicioso na estação quente, muito principalmente para a maior parte das pessoas, que estão metidas em casa. Em logar da bebida do chá deveria adoptar-se na estação calmosa o uso de beber agua e passear de tarde ou á noite, e até se tem observado, que a agua bebida nas fontes produz muito melhores effeitos do que depois de estar em casa. O que é certo é que alguns homens muito observadores afirmam, que a agua da praia bebida uma hora depois de tirada da fonte, ou mesmo a que se bebe junto dos chafarizes é mais proficua, do que aquella que se bebe em casa.

Aos professores pertence tractar scientificamente estas questões, e aos que querem ter saude convém indagar com a experiencia, e meditação os effeitos, que se indicam: para fazer isto não é necessario ser medico, basta ter reflexão e juizo.

Tornaremos a dizer á camara por esta occasião, que depois da invenção do asfalto, que se vende muito barato, não haverá necessidade de fazer em Lisboa encanamentos de pedra para conduzir as aguas. O encanamento, que já lembrámos se deve fazer para aproveitar as aguas que ha junto ao terreiro do trigo, não precisará de pedras de cantaria, mas de qualquer que seja, em que se lance o asfalto, porque terrenos tão compactos e duros, como são os de toda a cidade baixa, não serão alterados a não ser por terremotos. E' lamentavel, que aquellas boas aguas, que teem declivio para virem pelo menos até ao Terreiro do Paço se deixem correr ao mar, quando não ha quem as queira. O encanamento se não der utilidade á camara, não lhe dará perda, porque as casas em que se meter a agua, pagarão muito bem o custo do aqueducto. Se a camara não quer concorrer para essa obra, contracte e fiscalise os trabalhos do encanamento, dando os interesses por tantos annos a quem o fizer.

Suscitem-se estas idéas, venham as questões dos inconvenientes e das utilidades, para se conhecer o que é melhor, e se ha desleixo em não se cuidar d'estes negocios.

C. X. P. Brandão.

CONTINUAÇÃO DA IMPORTANTE QUESTÃO ÁCERCA DA APANHA DA AZEITONA E FABRÍCO DO AZEITE.

(Carta.)

Castello-Branco 2 de maio de 1845.

4248 Na *Revista* n.º 40 li a carta do Sr. que se assigna, *Um Joven Lavrador*, o qual se dignou analysar o meu artigo n.º 3952, alterando, e sofismando os meus argumentos: o que me obriga (máu grado meu) a voltar ao assumpto. Estive perplexo, e quasi resolvido a desistir d'este empenho, quando encontrei na dicta carta coma seguinte asserção. — «Não ha que teimar, cada um de nós firme nos principios, que moveram a sua razão não larga terreno.»

Que o Sr. Joven Lavrador esteja nessa pertinacia, embora: mas que tambem me involva a mim na pecha de afferrado á minha opinião!...Acudo com o meu protesto de mudar de parecer, logo que venham á luz as experiencias do Sr. Joven Lavrador e de seus visinhos (e tão convincentes como é de esperar) promettidas nos seus artigos 3823, e 4157. Protesto mais abandonar as doctrinas do meu mestre Rosier neste ponto da colheita d'azeitona.

Cantarei a palinodia, e direi ao publico; varejemos

as oliveiras, porque está demonstrado pelo Sr. Joven Lavrador « que se um varejador v. g. quebra com a vara 50 raminhos, como argueiros, e um apanhador á mão quebra um grosso ramo, que tem mais de cem raminhos eguaes áquelles; *aqui temos a parte contendo mais que o todo.*

Ora bem, o dicto Sr. chegou a demonstrar o que até então se tinha por um absurdo!!!

O que eu não comprehendo é, como o Sr. Joven Lavrador póde contar os 50 raminhos, *como argueiros*, destruidos pelo varejo n'uma oliveira!! Como se fez essa contagem? elle que o diga. E se tomou esses numeros arbitrariamente pela conveniencia do argumento, (como assim succedeu, pois era impraticavel a tal contagem) então baqueou-se o argumento.

A prol da nossa agricultura eu convido o Sr. Joven Lavrador e a todos os amantes da industria agraria, a que façam a seguinte experiencia nos concelhos em que se varejam as oliveiras. Assignem-se seis oliveiras, e colham-se á mão: assignem-se no mesmo olival outras seis em circumstancias o mais similhantes, que ser possa, e varejem-se. Nos annos seguintes compare-se a sua producção, e o estado da sua vegetação.

Estes factos repetidos em muitas freguezias illustrarão os proprietarios, e só elles podem introduzir, e generalisar o processo aconselhado de colher a azeitona á mão.

E se o Sr. Joven Lavrador quer instruir-se mais prestes, dê um passeio até este districto, e verá confirmadas as minhas asserções. Convencer-se-ha pelos seus olhos, de como este processo é exequivel e praticavel.

Reconhecerá, que a colheita á mão não é um sonho, como disse no seu artigo 3823: — que não é só praticavel n'um jardimzinho ou por quem tenha apenas uma moedura: — pois verá seguida esta pratica por quem colhe mais de 2 mil cantaros de aseite. — Verá, que assim se desfrutam as oliveiras altas e baixas. — Verá nos nossos valles e tapadas, bem cultivadas, oliveiras tão altas como castanheiros ordinarios, os quaes por não serem eguaes aos do Etna, não deixam de ser castanheiros.

Despreocupar-se-ha da idéa em que está (como diz no seu artigo 3823), de que aseitonas só se colhem, entre nós á mão para alcaparras! — e retractar-se-ha do que disse no fim do anterior artigo — « Haverá sitios « do globo (Aix, e outros, diz Soares Franco e Ro- « sier) aonde a aseitona se colhe á mão (tambem entre « nós se colhe para alcaparras) não o negamos; mas « que n'esses paizes se não verificam as circumstan- « cias, que se dão no nosso, podemos sem temerida- « de afirmal-o. »

Ora para que não vogasse asserção tão inexacta, é que eu levantei a minha fraca voz, contando o que succede n'um dos 17 districtos do reino, onde se colhe á mão aseitona, de que resultam mais (talvez) de 80 mil alqueires de aseite. Comparando os olivaes d'este districto na occasião da colheita com os de Tras os Montes — de Coimbra — e margens do Téjo; talvez quando voltar á sua provincia exclame o Sr. lavrador: — oh que de estragos vão por estes olivaes varejados! que bellos e grossos ramos estendidos pelo chão, que bem se assemelham a um campo de batalha coberto de cadaveres!! e as oliveiras mais parecem esqueletos do que entes vivos! — E se esses olivaes fossem plantações suas, poderia deixar de sensibilisar-se com uma prespectiva de tanta destruição; e d'ahi em diante é provavel, que tambem, como eu, se anojasse, e arripiasse com o estrago de tal varejo.

Neste paiz apenas se faz esta operação nas oliveiras, que se elevão empertigadas á grande altura, em prejuizo da sua copa, ou roda; — e não são todos os lavradores os que pratição essa amputação. — Por isso, Sr. joven lavrador, não se assuste, que essa desgraça não é geral, antes muito limitada neste districto. Porém eu intendo que por meio della se consegue um fim util; qual é o de obrigar a arvore a dilatar-se horisontalmente, adquirindo maior roda, e vindo a produsir e crear maior copia de fructo; tornando se a sua colheita á mão praticavel; e evitando-se as desgraças de cahirem de tanta altura os apanhadores, (o que algumas vezes succede, maxime em dias ventosos); e ainda mais outra utilidade — a de ser a arvore vista melhor pelo sol no seu interior; e circular por ella melhor o ar; o que tudo favorece a vegetação.

Das mesmas palavras do Sr. Ornellas, diz o Sr. lavrador, tiro eu, que é mais dispendiosa a apanha da azeitona pelo seu methodo. — Porque ha (diz elle) em Castello Branco termo maximo, quem emprega neste mister 100 operarios por espaço de tres mezes, o que equivalle a 9:000 operarios; ha quem colha termo maximo 3:000 cantaros de azeite, (1) são por tanto necessarios tres operarios para apanharem azeitona, que produza um cantaro de azeite. — Abata nos tres mezes (novembro, dezembro, janeiro) 16 domingos, e dias santos; abata mais 14 dias de chuva, nevoeiro e de grande vento, em que não colhemos azeitona, para poupar as oliveiras; — e quem as colhe por tal tempo as vê no anno seguinte estereis; — por tanto temos 60 dias de trabalho. — Logo havendo 100 operarios diarios — temos 6:000 operarios, — e não 9:000, — e por consequencia vem dous operarios a colher azeitona, que dá um alqueire de azeite. Ora havendo roupa, ou lonas são precisos dois terços d'aquelle numero de homens, — e um terço de mulheres: — e por tanto importa o custo da colheita, d'um alqueire de azeite em 233 e um terço sendo o preço regular dos homens 140 rs. e o das mulheres 70 rs.; ajuntando-lhe o carreto d'azeitona; escadas, que duram 8, e mais annos e sacos, monta a dita despesa a 256 rs. aproximadamente.

Ora o azeite tem-se vendido n'estes ultimos annos pelo baixo preço de 1200 rs.: — Logo custa a colheita quasi o quinto: isto é comprovado com o facto de que muitos lavradores dão a sua colheita pelo 4.° e tambem alguns pelo 5.°; e sempre ha muito, quem queira tomal-a. Isto é que é verdade, e como o Sr. joven lavrador anhela por verdades proveitosas, aqui tem um calculo exacto, que póde comparar com o custo do varejo.

Diz o dicto Sr. « Nenhuma novidade nos dá o Sr. « Ornellas quando nos diz, que os ramos quebrados « pela vara não fructificarão na proxima primavera, . . « mas que remedio havemos de dar-lhe? No meu ar- « tigo 3952 lhe citei e copiei as palavras de Rosiere

(1) O cantaro aqui é de seis canadas mas excede ao de Coimbra mais de um quarto — uma garrafa de meia canada de Lisboa não chega a levar quartilho e meio de Castello Branco.

Dallabella, que elle ridicularisa sem refutar. Tambem lho não disse como novidade; mas como rasão convincente e irrefragavel. O varejo destruindo esses gomos, esterelisa a oliveira no anno seguinte: — á força de fustigal-a se faz cansar a sua vegetação, e se esgota de modo que dá menos; e se abrevia a sua existencia.

Pergunta que remedio havemos de dar-lhe? colhel-as á mão e por bom tempo; e não é só porque assim o aconselham os bons auctores, que já copiei, e porque muito respeito o testemunho das praticas que allegam: mas porque assim se faz n'este districto, onde as colheitas são annuaes, e as arvores apresentam o mais bello aspecto. N'este districto ha um conselho, que é o da Certã, onde se usa o varejo; e nelle as colheitas são alternadas. O mesmo succede em toda a Extremadura, e em Coimbra, onde se vareja.

Aqui está pois a experiencia comparativa.

Li, e reli os artigos do Sr. joven lavrador; e por mais que busquei não pude incontrar outras rasões para não admittir em Traz-os-Montes a colheita á mão, senão no artigo 3823 « que só era exequivel para quem ti- « vesse menos de um moinho d'azeitona: mas se o « lavrador tiver duzentas ou mais moeduras?! Se o « lavrador necessitar de juntar trinta e mais opera- « rios, e assim mesmo pelo systema das varas gastar « meses!!» No artigo 3845, « que é uma theoria in- « sustentavel na pratica; porque para se effectuar tor- « na-se necessaria uma infinidade de escadas, e de « uma altura tal que seria impossivel construil-as sem « um dispendio excessivo. »

Estas rasões ficaram anniquilladas pelo meu artigo 3952; não argumentei só com Rozier e Dallabella, como me argue o Sr. joven lavrador, no seu artigo 4157; mas argumentei e argumento com a pratica de quinze conselhos, isto é, de milhares de proprietarios. E este argumento não tem resposta.

Que dirá a isto o dicto Sr.? Diz no artigo 4157 « mas que conclusão quererá elle tirar d'aqui para Traz-os-Montes *aonde eu avaliando as circumstancias peculiares digo, que taes doctrinas nem são proficuas nem vantajosas.* — Explique-nos por amor de Deus essas circumstancias peculiares » — Terá esta preciosa especie de arvore degenerado tanto em Tras-os-Montes, que senão assimelhe ás oliveiras d'este districto?!! Quaes serão essas circumstancias especiaes, que tornão impraticavel, impossivel o encostarem-se-lhes escadas, e colhel-as á mão??!! Não nos redusa á precisão de terminar a questão só pela auctoridade; — « do digo « eu que avaliando essas circumstancias declaro o tal « processo improficuo, e não vantajoso. » — Repare, e attente bem, que me estranhou o argumentar-lhe com as auctoridades de Rosier e Dalla-bella etc.; e que pelo seu manifesto publicado e repetido no artigo 4137; ficam declaradas entre nós armas defesas as doctrinas de quaesquer escriptores; — e então como e com que rasão pretenderá o Sr. joven lavrador erigir-se unica auctoridade n'esta questão?? e sem se dignar de nos manifestar as suas rasões ??!! Não queira ressuscitar para entre nós o despotico e barbaro *ipse dixit.*

Ora pois, a este proposito diz muito bem o Sr. Verissimo artigo 4014; — mas se é certo que em Ita- « lia a azeitona se colhe á mão, e sendo aquelle asei- « te muito estimado, e vendido por alto preço, que « outras circumstancias se darão n'esses paises que no « nosso senão possão dar? etc. etc... Logo as mesmas difficuldades, que nos cá temos, elles tambem as teem porque tambem teem grandes olivaes. Estas rasões são identicas, e mais frisantes, e concludentes quando se diz; assim como em Castello-Branco se colhem á mão as azeitonas, e com proveito; tambem em Tras-os-Montes se póde praticar o mesmo processo. Attente bem, que não lhe cito a auctoridade do Sr. Verissimo, (ainda que por mim respeitada,) mas adopto para mim *as suas dictas rasões*: olhe que não póde regeitar este argumento de analogia.

Tambem o Sr. Lavrador duvida da minha experiencia, — de que a aseitona moida sem estar entulhada dê mais, e melhor aseite. Faça a experiencia, que lhe propuz no meu artigo, e encommende-a aos seus amigos, — e depois fallaremos, porém primeiro chamemos os factos em nosso auxilio. O melhor meio de chegar á verdade é faser experiencias, com exacção, repetil-as em differentes pontos; — e apresentar os resultados sem afferro á opinião propria.

Concluo significando ao Sr. Joven Lavrador o meu respeito; e pedindo-lhe não me leve a mal algum excesso de expressões, promovido pelo calor da discussão, que nunca foram com proposito de offendel-o.

De V. etc.

Fernando da Costa Cardoso Pacheco e Ornellas.

MUDANÇA DE VINHO TINCTO EM BRANCO E DE MELHOR QUALIDADE.

4249 A vasilha, em que está o vinho tincto, deve ser boa; deita-se-lhe pelo batoque meio arratel de carvão em pó para cada canada de vinho: meche-se tudo muito bem e arrolha-se. Torna-se a mecher uma vez por dia e por espaço de uma semana; e está a côr mudada. Querendo-se deixar o pó de carvão onde está, póde-se sem faser-lhe nenhum damno: mas se pelo contrario houver pressa de começar a gastar, desde o quarto dia já está em termos.

O vinho tira-se por uma bomba; côa-se por papel proprio posto em cima de panno de linho para se não romper, e emboisado na bocca d'um funil. Por mais carregado que d'antes fosse, sae christalino sem ter perdido nem a força nem o aroma.

A experiencia em garrafas dá o mesmo resultado.

Uma dona de casa.

MODO FACIL DE DESINFECTAR OS CURRAES.

4250 Os estragos, que a epizootia já tem feito n'outros paizes, aconselham a que tenhamos nas poisadas dos nossos animaes domesticos a maior policia de aceio e desinfecção, por ser certo que, da falta d'ella, resultam ao gado muitas molestias, e talvez maior disposição para todas ellas.

Para desinfectar pois similhantes casas, ha uma receita que muito importa se vulgarise.

Mettem-se n'uma vasilha larga de loiça ordinaria ou de barro tres onças de sal da cosinha, pisado grosso, e humedecido com uma pouca d'agua. Põe-se o vaso no meio da casa que se quer purificar, fecham-se as janellas e as portas deixando só aberta aquella por onde se ha-de sair. Lançam-se sobre o sal duas onças de acido sulfurico, que se vende nas boticas ou nos droguistas muito barato, e foge-se, fechando a porta. Do vaso sae logo uma nuvem de um vapor muito fino e expansivo, que enche tudo de repente. Não se deve tornar lá senão passadas algumas

horas, porque os olhos e a garganta se offendem com aquellas exhalações. Repete-se uma ou duas vezes a operação, e se o curral é muito espaçoso, intendido está, que se deve carregar a mão nas dóses. Póde-se tambem, para tornar o effeito mais activo, assentar o vaso em cima de um brazeiro.

Esta obra deve-se começar pela manhã cedo ao sair do gado; não o deixar entrar no decurso do dia; e uma ou duas horas antes do recolher, abrir todas as portas e janellas para arejar. O vaso deve-se tirar antes d'isso e lavar-se com muitas aguas, havendo cuidado em se não metterem dentro as mãos para as não queimar.

Em havendo suspeitas de contagio, convem soccorrer a este expediente; fóra d'isso bom será não abusar d'elle. *Um creador de gado.*

FAVAS VERDES PRODUSINDO ICTERICIA.

(Carta.)

Béja 3 de maio de 1843.

4251 Entre as causas, que determinam a ictericia ainda não encontrei as favas verdes; nem a minha pratica ministrára até hoje observação similhante á que apresento agora ao publico.

Na villa de Cuba existe um homem de trinta e tantos annos, chamado Severino, abogão, que padece ataques de ictericia sempre que come favas verdes, ainda que em muito pequena quantidade; come-as impunemente seccas, alimenta-se de hervilhas, sem que sinta o mais pequeno incommodo. Trabalhava este homem em casa d'um lavrador da villa, quando tive occasião de verificar esta singularidade. Estando elle ceando uma noite ao tempo em que eu atravessava a cosinha da casa, ouvi-lhe pedir com instancia á ama lhe mandasse dar um pratinho de favas; a senhora da casa ao ver-me entrar, perguntou-me se lhas devia dar, visto que lhe fasiam ictericia sempre que as comia: respondi-lhe que a ser assim não lh'as desse.

Apesar do meu conselho, o apetitoso instou, promettendo que não comeria mais de meia dusia de favas: comeu-as.

Volto no dia seguinte, encontro-o com ictericia muito bem caracterisada. Além da amarellidão da pelle notei-lhe alguma sensibilidade na região epigastrica, sem augmento de volume, nem dôr em outro algum ponto do ventre; sede, lingua saburrrosa e tambem amarellada, ligeiro movimento febril, hepathia, e sobre tudo uma tristesa profunda. Estes incommodos duraram quatro dias na sua maior força, e no fim de oito estava restituido ao antigo estado, a beneficio do tractamento que tinha por base faser-lhe ingerir grande quantidade de liquido, quer fosse bebido, quer applicado em clysteres.

Não tractei de faser uma historia completa d'esta minha observação; porque o meu fim é unicamente appresentar o facto encarado, não scientificamente, mas pelo lado da curiosidade.

Manuel Pereira de Mira Franco.

CONSERVAÇÃO DOS LIVROS.

4252 Ha um modo de se preservarem os livros, os pergaminhos, e os papeis do bolor, dos ratos, das traças, e de todas as sortes de vermes que os devastam.

As estantes devem ser do pinho mais resinoso, que se achar, sendo as taboas bem encavilhadas, mas sem pregos.

Estas estantes forram-se de papel bom, lavado em agua, em que se dissolver nitrato de mercurio, e pega-se o papel á madeira com uma colla composta do seguinte modo. Desfazem-se pós de gomma ou farinha de trigo e de centeio, partes eguaes, e tudo bem peneirado, n'uma dissolução aquosa e forte de muriato de baryta, e põe-se a coser n'um vaso de loiça vidrada como para massa ordinaria. Pisam-se septe ou oito dentes de alho, conforme a quantidade da colla. O alho pisado mette-se n'uma bonéca, a qual, depois de espremida, se deita no vaso assim como o çumo, e meche-se tudo até estar a colla cosida. Deixa-se esfriar para poder servir. O papel pegado com ella deve ser muito bem assente, e secca-se á sombra.

Os animaes, que roem na madeira assim apparelhada, morrem inevitavelmente, porque o muriato de baryta e o nitrato de mercurio são venenos muito activos. *Um Bibliophilo.*

MODO DE EXTERMINAR OS RATOS.

4253 Uma esponja fina e velha corta-se em pedacinhos bem miudos, depois de se ter ensopado em gomma de farinha: os pedacinhos involvem-se em assucar, em nozes pisadas ou em picado de toicinho, que para os ratos são muito boas golodices. Deitam-se nos buracos por onde se sabe que elles saem, e põe-se ao pé um prato com agua. Comerão, terão sede, beberão, a esponja inchará na barriga, não a poderão expulsar e rebentarão.

Uma Dona de Casa.

MODO DE AFFUGENTAR AS PULGAS.

4254 Espalhae folhas de rosa entre os lençoes da cama, e vereis como desertam essas hospedas nocturnas tão incómmodas. Quando a estação não fôr de rosas, um leve cheiro de essencia d'ellas póde produsir o mesmo effeito.

Uma dona de casa.

MODO DE EXTERMINAR OS PERSOVEJOS.

4255 Todas as creaturas teem o seu nome: estes importunissimos visitadores nocturnos, de quem é forçoso fallar, visto existirem elles para martirio de muita gente, legitimam por suas abominaveis qualidades todas quantas guerras se lhes possam fazer.

As pessoas, que moram no campo, teem um modo facilimo para caçarem vivos estes insectos: é guarnecerem com folhas de feijoeiro todos os páus do leito por onde elles podem vir á cama, e a parte posterior da cabeceira, ficando as folhas com a face felpuda para a banda de fóra. Os insectos ao passarem por alli, ou quando invadem, ou quando se retiram, ficam enleados e presos. Pela manhã tomam-se as folhas e afogam-se em agua ou queimam-se: é receita muita experimentada.

Como porém nem todos teem feijoeiros á mão, aqui está outra que tenho visto aconselhada, mas da qual por uso proprio não posso dizer.

No quarto infestado por estas sevandijas, põe-se um vaso cheio de agua a ferver, e deitam-se-lhe dentro quatro ou cinco gottas de acido sulfurico: dizem que em menos de uma hora saem dos seus esconderijos e vem cair mortos no sobrado. E' escusado advertir que

não é bom estar no quarto emquanto dura esta fumigação, e que as portas e janellas devem estar fechadas.

Uma Dona de Casa.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

ADVERTENCIA PRELIMINAR.

A Exm.ª Sr.ª D. Maria Isabel de Mello, filha do Exm.º Sr. Conde de Murça e de sua digna esposa, era uma joven de pouco mais de quinze annos, de corpo e espiritos gentilissima, e de rara instrucção sobredoirada de modestia. Era um dos melhores ornamentos da sociedade, o orgulho de seu pae, o feitiço de sua mãe e o enlêvo unico d'aquelle, que o seu coração havia preferido, e a quem nas vesperas do suspirado consorcio tinha de deixar viuvo inconsolavel. A 23 d'este maio se conta um anno que ella expirou.

No seu necrologio, entre lagrimas escripto por um de seus mestres, vem com perfeita analogia applicado a ella, o que a Marcelino escrevia Plinio sobre a morte da filha do seu commum amigo Fundano, na edade de quatorze annos; — *Oh! triste planè acerbumque funus! Oh! morte ipsâ, mortis tempus indignius! Jam destinata erat egregio juveni!. . . . Jam electus nuptiarum dies!. . . . . Jam nos advocati! . . . . . Quod gaudium quo mœrore mutatum est?. . . . . Quidquid in vestes, margaritas, gemmas fuerat erogandum, hoc in thura, et unguenta, et odores impensum est.*

A Exm.ª Sr.ª Condeça de Murça, a quem todas suas alegrias se enterraram com sua filha no cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres, ambicionou (oh! afortunados instinctos do amor e da saudade!) que uma harpa sensitiva e religiosa entoasse á sua chorada fugitiva um *vale* digno d'ella; e entoado, desejou que fosse por todos ouvido para que todos a accompanhassem na sua dor: áquella sua maternal ambição satisfez o Exm.º Sr. D. José de Lancastre com a *baga de cypreste*; ao seu segundo desejo, procuramos nós satisfazer, publicando-a.

UMA BAGA DE CYPRESTE SOBRE O SEPULCRO DA EXM.ª SR.ª D. MARIA IZABEL DE MELLO.

4256 Anjo do Céu fugido, ao Céu voltaste!
Alma ditosa e pura!
Em troca do desterro houveste a patria,
Patria que eterna dura.

Na mansão do Senhor, onde te creio,
Ah! que te importam hoje
Do mundo as illusões! Da vida o sonho,
Que sem vestigios foge!

O Deus, que te criou, teve ciumes
Do teu amor primeiro:
Pelas bodas da terra offereceu-te
As nupcias do Cordeiro.

No frescor da manhã da vida tua
Roza crescias bella:
Murchou-te o vendaval, mas lá no Empyreo
Refulges nova estrella.

Quando alta noite pois no Céu girares
Dos astros desviada,
Um raio frouxo de tua luz envia
Á maternal morada.

Candida vem pairar em frente d'ella,
Que á tua claridade
Tua mãe sentirá pungir mais doce
Tua longa saudade.

Seu coração te afagará presente
N'esse mago fulgor;
Dirá: vens visitar-me, oh filha!. . . . filha. . . .
Mercê por tanto amor.

D. José de Lancastre.

ADVERTENCIA.

O auctor dos dois trechos seguintes tinha nascido para a poesia: cultivou-a com amor e fortuna em sua mocidade: e foi um dos felizes das festas da primavera e de maio, como sabem os que leram esse nosso livrinho da historia d'ellas. A politica e os enfados da vida real o roubaram ás musas: — ¡tristes mudanças do tempo! ¡de tantos que a ellas nos ajuramentáramos, lá á beira do Mondego, na *Lapa dos Esteios* só o redactor d'esta folha o minimo, um unico, lhe permaneceu fiel até este dia!

Os versos, que se vão lêr, são pois de um passado — bem passado já e bem remoto; — e foram dos ultimos que, a tão esperançosa lyra, se escutaram. Seu auctor já os não lerá: uma enfermidade cruel o tem irrevogavelmente privado do espirito, — de um dos mais graciosos espiritos, que Deus havia feito para delicias da sociedade. Os que o chegaram a conhecer, deixarão cair algumas lagrimas sobre estas suas flores.

AS FLORES DE DORIS.

4257 Mimo da natureza
Quanto vos amo ó, flores!
N'um prisma de mil cores,
Vosso jardim tornaes.

Se vos contempla e rega
Doris, a vossa Flora,
Como ella ao ver-me cora,
O brilho redobraes.

Porém se por vós passa,
Sem dar-vos frescas aguas,
Cheias de pena e magoas
O espirito perdeis.

E se vos colhe, ó flores,
Para adornar seu peito,
N'aquelle doce leito
A morte bem dizeis.

Ah! quando mais absorta
Olhar vossa belleza,
Filhas da natureza,
Lembrai-lhe o meu amor,

Que as feiticeiras graças,
Que o juvenil encanto,
Apenas duram tanto
Ou menos que uma flor.

José Victorino Freire Cardoso Fonseca.

O LIRIO.

4258 O' lirio, quanto me agradas!
O' simples modesta flor!
Emblema da mocidade,
Coroa do amavel pudor!
E's digno de embelezar-te
No peito do meu amor.

Quando favonios e sombra
Vem as plantas reanimar,
O teu calix perfumado
Deixa-se logo enrolar:
A' noite roubas teus mimos,
Comtigo os quero gozar.

Em quanto não volve a aurora,
Não ousas teu seio abrir,
Contraes orvalho e substancias,
Que doces te vem nutrir:
Pouco e pouco vem raiando
Casta flor o teu sorrir.

Mas eis se tinge o oriente
De aureos e rubros festões;
Saúdam a nova aurora
Os teus mimosos botões,
Que derramam co'a frescura
Suaves emanações.

Como tu, banhado em pranto
Na erma noite, velei:
Ai de mim co'as duras trevas
Meus tormentos não findei;
Tu acordas para a vida,
Eu para a dor acordei.

J. V. F. C. da Fonseca.

ADVERTENCIA.

Os versos *a um rouxinol* são estrêas de um juvenissimo poeta de Alafões. O que taes estrêas annunciam, ninguem ha que por si o não possa conhecer. E' mais um talento — que nós temos a fortuna de appresentar ao publico. D'isto ao menos serviu e se póde gloriar a nossa pobre folha; — que manifestou muitos ingenhos á patria e a si proprios; — que a nenhum recusou agasalho; — que por toda a parte os procurou, para os incitar; — que, longe de lhes invejar glorias, sollicitou para que lh'as dessem. — Temos feito muito ingrato, não ha duvida; mas se como estamos concluindo esta, estivessemos começando uma nova redacção, não hesitariamos em seguir o mesmo systema: — que a nós nos paguem o bem com o mal, ¡que importa!. . . se o que esses fiserem, em parte esforçados por nós, ha-de redundar a final em proveito e credito ás lettras da nossa terra.

A UM ROUXINOL.

Que de poids d'un coeur lourd n'as tu pas soulevé! *M. de Lamartine*

4259 Lá descanta na estancia sombria
O mavioso cantor da soidão:
Oh! que balsamo agora me envia
Na plangente, sonora canção!

Rouxinol, que tão meigo suspiras,
Como adoças meu calix de fel!
Como abrandas as improbas iras
Do meu fado tão duro e cruel!

Sinto já meus tormentos em calma,
Só com tuas endeixas ouvir;
Ao passado revôa minha alma
Esquecendo presente e porvir.

Teus accentos de maga harmonia
Da voz della me fazem lembrar:
Ai! ás vezes Eugenia soía,
Como tu, solitaria cantar.

Quão gostoso a escutei modulando,
Com ternura sem par versos meus,
Umas veses o amante chamando,
Outras dando-me ainda um adeus!

A voz d'ella que tudo amenisa,
Mais suave que a tua talvez,
Afagava minha alma qual brisa,
Que cicía das flores no mez.

E tão meiga era a sua tristura!
E tão meigo o surrir virginal!
E era toda tão casta e tão pura!
E o amor, que me tinha era tal!..

Porém hoje, que horror! não me é dado
Escutal-a, nem vel-a sequer;
E da amante gentil separado
Na tristesa só acho praser.

Fugidío dos sitios mais ledos,
Onde a dor se exacerba inda mais,
Solitario por entre fraguedos,
Esses echos accordo com ais.

Como espectro, vagando sem tino:
Por Eugenia a chamar, mas em vão,
Aos rochedos e troncos ensino
Este nome, que sempre ouvirão.

Canta, canta, mimosa avesinha,
Adormenta esta dôr, meu algoz,
Que este peito, que triste definha,
Me lacera qual tigre feroz.

Por accentos de tal suavidade
Quero o pobre alaúde affinar,
Para ver se mitigo a saudade,
Que me segue por todo o logar.

A. Cabral Couceiro.

A VIOLETA.

4260 Roxa violeta,
Formosa e pura,
Da noite escura
Se o frio orvalho
Te ha-de crestar,
Melhor farias,
Em vir comigo;
Co'o teu amigo
Tu vais morar.

Inanimada
Não me respondes,
Mas não me escondes
Alto mysterio,
Que te creou.
Em ti eu vejo
A mão piedosa,
Que tão mimosa
Te debuxou.

Tão eloquente,
Muda, tu falas!
Oh tu não calas
Poder e gloria
Do creador!
O teu perfume,
Ameno e brando,
Está clamando
E' Deos o auctor!

Tu da virtude
E's o desenho;
Com tanto empenho
Como ella tratas
De te esconder;
E tens como ella
Tanta humildade,
Tal suavidade
Em recender. *D. José de Lancastre.*

RIMANCE DA INFANTE DE GRANADA.

Extraido do primeiro acto do drama, D. Antonio de Portugal, do Sr. José da Silva Mendes Leal Junior.

4261 Elrei moiro de Granada
Passou pelo prado um dia:
Era moço, gentil era,
E gentilmente sorria.

Cavallo que elle levava
Aço rijo mal sofria;
Era todo pedras finas
Duro alfanje que trazia.

Bordado albornoz trajava,
Luzentes armas vestia:
Do senhoril regio porte
Captivava a Soberania.

Tambem lá era no prado
Linda moça que gemia,
Colhendo penas e flores
N'aquelle chão á porfia:

Eram flores de saudade
As flores que ella colhia;
Eram penas de ser nobre
As penas que ella carpia,

Olhos negros como os d'ella,
Nas Hispanhas não havia,
Nem nos paços de Sevilha,
Nem em toda Andaluzia:

Dos nobres modos que tinha
Namorava a galhardia:
Se não fôra ser vaidosa
Mais do que um anjo seria.

Como Elrei avista a triste
Para o pé d'ella corria,
E, desmontando apressado,
Estes dictos lhe dizia: —

« Porque choraes vós, menina,
« Com tão grande tirania?
« A magoa que vos magôa
« Muito maior magoa cria:

« Os vossos prantos, Senhora,
« Tem não sei que simpathia;
« Em quanto vós pranteaveis,
« Eu tambem prantos vertia;

« Se algum occulto segredo
« O desejo vos dizia,
« Contae-mo vós: se o contasseis,
« Eu bem prompto o cumpriria:

« Enfeitára-vos de perlas,
« De rubins vos cubriria;
« Miramolins coroados
« Por escravos vos daria:

« Não ha em terras de crentes
« Quem me não tome por guia;
« Nem cavalleiro tão pouco
« De maior cavallaria:

« Dez imperios.... e este alfange
« A vossos pés eu poria.
« Que mulher, que hurí celeste
« Invejar-vos não havia?

« Vinde comigo, Senhora,
« Quero dar-vos a alegria;
« Quero cumprir-vos á risca
« Palavras que vos dizia:

« Vinde, sereis nobre infante
« De mui nobre senhoria,
« E quem sabe.... » A gentil moça
Já não chorava, já ria!...

Elrei moiro de Granada
Mal um mez corrido havia,
Da pobre moça na fronte
Real coroa cingia.

SUPERSTIÇÕES POPULARES NO MINHO.

(Carta.)

Visinhanças do Porto 15 de abril de 1845.

4262 Mais algumas superstições e usos dos aldeãos das cercanias do Porto deviam ter figurado nas minhas cartas anteriores; mas como ao escrevel-as me esqueceram, e agora me lembram, aqui as porei, e V. as deixará ficar no escuro se lhe parecer.

No artigo das conversas aldeãs de que falei, he

mais o seguinte: o rapaz que conversa uma rapariga deve estar da parte esquerda, e o que é novato e se engana, leva grande crítica. Este costume não é por que seja o logar da direita de mais honra, porque as mulheres alli são tidas em muito menos conta que os homens, e a galanteria e delicadesa não são o apanagio destes. Até manda a politica, que a rapariga que está sentada se levante se um rapaz a vem conversar, e que se não torne a assentar se elle quer ficar em pé. O unico motivo que deu nascimento ao uso acima mencionado é que nos serões antes da dança, as raparigas trabalham, e os rapazes que se collocam a seu lado incommodariam e seriam incommodados se se pozessem da parte direita. Usam elles por isso do adagio seguinte: — aquelle que se põe da banda do fuso ou é tolo ou tem pouco uso.

Outro uso me havia esquecido. O domingo seguinte ao enterro de um lavrador se chama o domingo do bradar, porque reunem na igreja os parentes do defuncto e fasem diser responsos por alma do finado.

Passemos ás crendices. O bicho que se talha, se é macho ha-de ser talhado por homem; se femeo por mulher; creio que é, se o bicho que passou pelo sitio molesto era macho ou femeo. De sorte que se as feridas, a que chamam bicho, continuam depois de talhado o mal, é porque não fez a ceremonia grutesca quem devia. Quem tem um terçol o póde lançar a quem lhe parecer, apontando e disendo: — treçogo, sahe deste olho e vai para aquelle — creio que por tres vezes. Ainda que todas as superstições sejam más, peiores são umas que outras, e as seguintes verá V. a que rol pertencem. Creem geralmente os camponezes que pedindo a Deus, entre a elevação da hostia e do calix, qualquer mal para alguem, Deus os ouve e satisfaz seu damnado pedido. Tambem teem por certo que as *pragas rogadas entre as badaladas do meio dia empecem por força*. Quando ha idéas de uma pessoa estar embruxada e desejam saber quem foi a brucha que fez o mal, abrem á meia noite portas e janellas da casa e fasem uma grande fogueira dentro, lançando-lhe a roupa usada da creatura em bruxada, e esperam que a bruxa virá correndo tirar os objectos enfeitiçados do lume, ou apagar a fogueira. Já uma occasião, uma pessoa que accudiu julgando que havia fogo na casa, esteve para pagar com a vida a sua caridade. Vae porém caindo em desuso esta experiencia: as curandeiras se encarregam de adivinhar com um baralho de cartas quem fez o maleficio, porque isso é mais rendoso.

Se ha estas superstições dignas de anathema, outras ha que merecem mais desculpa.

A mulher que acaba de amassar o pão faz uma cruz na massa, disendo: — S. Vicente te accrescente, S. Mamede te levede. — Quando tapam o forno faz á porta deste uma cruz tambem, e algumas accrescentam uma enfiada de palavras mais ou menos longa, conforme a crendice da pessoa.

O lavrador que vae confiar a semente á terra persigna-se, e alguns chegam a semente ao bafo dos bois, que elles teem por abençoado.

Um costume que muito tocante achei, e é praticado pelas agentes da beira mar é o seguinte. Quando aquelles homens rudes vão a metter-se em um barco, ainda que só seja para irem muito perto apanhar o *lixo* do mar, tiram o chapéo, curvam-se sobre o mar, molham a mão e se benzem com a agua. Este momento de reconhecimento respeitoso no meio da algasarra grosseira e alegre que antes e depois fasem, commove a quem o presenceia.

De V. etc.

Uma Obscura Portuense.

NOTICIAS.

NECROLOGIO DO EMINENTISSIMO CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA, D. FRANCISCO II.

4263 Para um livro, livro de exemplo e edificação, era a vida do Varão memoravel, cuja perda se está deplorando em todo o Portugal: alguem o fará, devemos esperal-o. Algum portuguez agradecido pagará, em nome da patria, o tributo do louvor tardio ás cinzas que já o não podem ouvir: a nós, nem o tempo nem o logar nos consentem o obedecermos, aqui e hoje, ao impulso, talvez temerario, do nosso affecto, mais que de discipulo, quasi filial. Quebranos as forças a tristeza do animo, e que não quebrasse, mal se podem pintar gigantes em pequena taboa, como disse um mestre da nossa lingua; nem oitenta annos, que resumiram seculos de trabalhos e merecimentos, se poderiam trasladar para uma folha assim leve e fugitiva.

Mas o não podermos pagar tudo, não é rasão para que nada paguemos. Vamos resumir os apontamentos da sua biographia, com a possivel exacção; despidos de todo o genero de enfeite, seccos, descarnados.

A 25 de janeiro de 1766 nasceu, na villa de Ponte de Lima, de Manuel José Saraiva e sua mulher D. Leonor Maria Corrêa Saraiva, ambos de claro sangue, Francisco Justiniano Saraiva. Em casa achou, ao abrir os olhos, os bons exemplos, que, tanto como a sua peculiar indole, tinham de fazer d'elle um homem eximio.

Por si mesmo se lançou com alegria nos estudos, e os seguiu com paixão; manifestando desde logo o muito, para que a Providencia o havia de sua mão apparelhado.

A piedade em parte, em parte o instincto, que leva para a solidão os espiritos meditativos, fizeram com que na edade, em que o mundo é serêa, elle, mancebo gentil, prendado, appetecido na sociedade e com todas as razões para o ser, trocasse a soltura e delicias do seculo pela estudiosa e pia sombra de um claustro benedictino.

Vestiu o habito aos 16 annos, em 1782; e fiel ao seu votado proposito foi o ultimo, que o despiu, quando já a ordem não existia.

Nenhuma corporação religiosa enthesoirou jámais nos seus fastos maior numero de sugeitos abalisados em virtudes e sciencia que a de S. Bento, a ponto de que se no exterminio geral de taes institutos se houvera (como talvez o propunha a boa philosophia) de fazer uma unica excepção, e para ella se tomassem os votos de todo o mundo, é quasi certo que estes monges existiram ainda hoje, e haveria ainda na terra algum porto de refugio para muitas dores extremas, que não teem outro.

Não obstou porém o serem tantos e tão eminentes os

que n'esta, já de si tão distincta ordem se distinguiam, para que o joven Fr. Francisco de S. Luiz não entrasse de repente a estremar-se, como primeiro entre os primeiros, assim nas lettras sacras como nas profanas, assim na amenidade do tracto como na copia e profundesa da doctrina e no concerto dos costumes, que n'elle foram sempre irrepreensiveis.

Exhaustos todos os estudos, que nas aulas internas da ordem se lhe deparavam, passou a seguir na Universidade de Coimbra o curso de theologia, em cuja sciencia defendeu théses, que ficaram lembrando como um triumpho, e recebeu o gráu de doutor em 1791, contando apenas 25 annos.

A academia das sciencias de Lisboa, depois de o haver por trabalhos litterarios premiado com medalha de oiro em 1794, a si mesma se honrou escrevendo-o na lista dos seus socios.

Em 1805, em concurso publico da Universidade, foi unanimemente habilitado para oppositor ás cadeiras da sua faculdade.

Em 1808, n'esse fatal praso da invasão franceza em Portugal, foi nomeado para a junta que em Vianna do Minho se estabelleceu, para intender na libertação do reino; agro officio em que mostrou que, sob a mortalha do religioso, palpitava vivo e ardente o cidadão, e que suas paixões se haviam cifrado na unica de todas as edades e estados, no amor da terra do nascimento, — amor instinctivo em qualquer, mas, nas almas superiores e illustradas, irresistivel.

Em 1817, sem prejuizo dos seus direitos ás cadeiras theologicas da Universidade, foi despachado professor de philosophia no real collegio das artes, magisterio que por largos annos ficou exercendo com summo credito seu e approveitamento dos alumnos.

Muitos foram os outros empregos eminentes, que por todos esses tempos exerceu; e muitos os ensinos que nas escólas da ordem liberalisou com admiravel fructificação.

Em 24 de agosto de 1820 alvorece no Porto o systema representativo. O nome de S. Luiz sôa logo entre os dos primeiros regeneradores; obrigam-n'o (doce violencia, pois se tractava da felicidade da patria) a trocar o remanso da sua cella pelas salas do governo, e a interromper os seus queridos estudos dos antigos feitos e glorias de Portugal, para ajudar, elle proprio, a abrir uma nova era de gentilesas, de esperanças e de civilisação. S. Luiz é um dos membros, e, pela já grangeada fama do seu nome, um dos principaes da junta provisoria do supremo governo do reino, instaurada no Porto. As memoraveis proclamações d'essa junta foram todas obra da sua penna.

O grito do Porto em 24 de agosto é repetido em 15 de septembro por Lisboa, que nomêa tambem a sua junta provisoria.

No primeiro de outubro reunem-se fraternalmente as juntas ambas na capital, e S. Luiz continúa com publica satisfação a presidir aos negocios, então certamente espinhosissimos, do estado.

A 26 de janeiro do anno seguinte abrem-se pela primeira vez as modernas côrtes, as côrtes extraordinarias e constituintes da nação portugueza; e ainda no mesmo mez o nomèam membro da junta do supremo governo provisorio do reino, cargo que fica exercendo até á tornada d'elrei D. João VI do Brazil a este reino.

Em 20 de julho do mesmo anno de 1821, nomêa-o elrei coadjutor e futuro successor ao bispado de Coimbra: e a 20 de outubro seguinte reitor e reformador da Universidade. Por morte do bispo D. Francisco de Lemos, toma posse da diocese a 1 de junho de 1822 com o titulo de Conde de Arganil e senhor de Côja, sendo logo em septembro sagrado bispo.

No seguinte novembro é eleito deputado ás côrtes ordinarias, e d'ellas feito presidente em fevereiro de 1823.

Caída a Constituição de 1822, é demittido de reitor e reformador da Universidade em 1823, e tres mezes depois, em septembro, resigna o seu bispado, sem reserva alguma, retirando-se para o mosteiro da Batalha, d'onde se recolhe a descançar dos baldões da fortuna e esquecer-se, o que bem pouco lhe custava, das ingratidões dos homens, na formosa e sempre suspirada terra da sua infancia.

Veio a Carta Constitucional: eil-o outra vez na scena politica, deputado ás côrtes de 1826, as quaes por quasi unanimidade o elegem seu presidente.

Mudadas as coisas em 1828, é desterrado para o mosteiro da Serra d'Ossa. Aqui vive incommunicavel seis longos annos, entre frades ignorantissimos, e reduzido, por unico pasto do espirito, á pequena livraria da casa só composta de sermonarios rançosos, theologias escolasticas e casuistas.

A este degredo do corpo e alma lhe veio pôr termo, em 26 de maio de 1834, com a sua expedição no Alemtejo, o general de S. M. Fidelissima, o Exm.° Duque da Terceira.

A 4 do proximo junho S. M. Imperial o nomêa guarda-mór do real archivo da Torre do Tombo, e a 24 de julho conselheiro de estado.

E' terceira vez eleito deputado ás côrtes em agosto do mesmo anno. Preside-lhes até 24 de septembro, dia de luctuosa memoria, em que falleceu S. M. Imperial; então é tomado por S. M. a Rainha para ministro dos negocios do reino, logar em que permaneceu até 17 de fevereiro de 1835 e cujas honras lhe ficaram conservadas; recebendo de mais ao saír d'este ministerio a nomeação de par do reino e de grão cruz da ordem de Christo.

Quarta vez é eleito deputado em 1836; mas sobrevem a revolução de 9 de septembro: pede logo e consegue ser demittido de guarda-mór da torre do tombo.

A 22 de desembro do mesmo anno é feito membro honorario da academia das bellas artes.

Quinta vez o fazem deputado em 1838. Em 1840 finalmente lhe conferem o primeiro logar da egreja lusitana, o titulo e officio de patriarca de Lisboa; subsequentemente recebe de Roma o barrete cardinalicio, e é nomeado vice presidente da camara dos dignos pares.

Até volta dos oitenta annos se foi estendendo robusta, e promettedora de muitos mais, uma vida, posto que assim trabalhosa e trabalhada, defendida com tudo interiormente pelo mais austero concerto de costumes, que é a hygiéne das hygiénes, e pela innata suavidade de animo, que é balsamo temperado pela Providencia para preservar o sangue de muito veneno corrosivo e muita peste. Levantou-se porém n'estes ultimos tempos uma provação a que resistiu (quanto o podia um homem cheio de philosophia e de evangelho); mas

que a final o consumiu, rendeu e baqueou.

A imprensa portugueza, a quem elle tanto enobrecêra e a quem tanto hão-de ainda ennobrecer os fructos posthumos das suas locubrações, a imprensa portuguesa, sem respeito nem a si mesma, nem á edade, nem á sciencia, nem ás virtudes, nem aos serviços nem á fama, nem á posição, nem ás simpathias de quanto havia grande e nobre em toda esta terra, nem ao caracter mais inofensivo e á indole mais amante que nunca entre nós se viu, por um delirio sem explicação possivel ou por uma velleidade barbara, sonhou que podia estampar a sua mão negra sobre aquella face veneravel e arrastar pelas cãs a maior cabeça de Portugal até ao lodo da ignominia; — a façanha sobre vil e covarde era isensata; mas tentou-se e, até onde se póde cumprir, cumpriu-se. Nós vimos o fundador da liberdade portuguesa, nós vimos o decano dos sabios portuguezes, em folhas portuguezas e escriptas por liberaes, qualificado uma e muitas vezes, com teimoso e vilanissimo acinte, por inimigo da liberdade, por traidor, por ignorante, por charlatão, por nullidade! . . . . .

Todos estes libellos anonymos, todas estas machinas infernaes, só calculadas para matarem alguns mezes ou dias antes a um pobre velho, cuja vida fôra uma teia continua de bellas obras, todas estas injurias parrecidas lhe eram pontualmente mandadas por alma honesta e generosa (! ! !) que se escondia, e elle abria com suas mãos sagradas aquella correspondencia, e lia-a, e tragava gotta a gotta todo o seu veneno, e a ajuntava n'um cofre, e não se queixava da ingratidão, e não desabafava nem com os seus intimos. De dia para dia notavam estes havia muito, que a serena alegria que sempre do animo lhe ressumbrára no semblante, se lhe convertia em melancolico pesadumbre, cada vez mais carregado, mais dorido e mais silencioso. Quem diz que não matam as penas, não sabe o que as injustiças doem nas almas nobres, que se envergonham de queixar-se. Principiou aquella saude de bronze pouco a pouco a alluir-se e o corpo a descobrir symptomas, de que o espirito descontente não tardaria em o desamparar á terra, em que tantas invejas se criam para se ir para outra parte, onde a justiça e o amor são permanentes e infinitos: era molestia sem nome. Perguntavam-lhe os medicos suspeitosos, senão andaria lá dentro contaminando-o alguma afflicção de espirito, como verme, que invisivel no âmago da planta lhe faz cair antes do outono fructos e folhas á vista e sob as mãos desveladas do pomareiro: reperguntavam n'o com empenho para acertarem pelas verdapeiras causas o tractamento da molestia; mas o silencio era a resposta; não n'a intendiam; e o mal ganhava forças: e não se atalhava, e não era culpa de ninguem senão dos empeçonhadores lá de fóra, que entre os fumos e os copos iam continuando a manipular as suas drogas.

Finalmente caiu na cama: perto de um mez aturou o seu desconsolado martyrio, cujo fim elle previa certo, e aguardava resignado. Sentindo a morte já proxima, fallou: foi o seu primeiro e derradeiro desabafo: ouviram-lh'o os consternados que lhe cercavam o leito, e só então intenderam, e com espanto, o de que morria, ¡ temerosa licção para calumniadores!

« N'aquelle cofre estão dez annos que eu podéra ter ainda vivido; — disse elle; — alli, alli se verá o que são no âmago as tão invejadas doçuras do patriarcado! «

Quatro dias após tinha cessado de padecer, entregue placidamente ao Creador a formosa alma, ritualmente lustrada com os Sacramentos da egreja.

Foi o seu transito (bemaventurado transito segundo o devemos crer) no paço patriarchal de Marvilla, ás seis horas da manhã de 7 de maio de 1845.

Pelas tres horas do mesmo dia (não havia que aguardar, a putrefacção já se tinha declarado) começou-se a intender na embalsamação do corpo, o qual pouco depois da meia noite se achava já depositado na capella particular do paço, em S. Vicente de Fóra.

Por todo o dia 8, alli permaneceu em roupas cardinalicias, sendo visitado por innumeravel multidão de amigos, de admiradores, de fieis, de pessoas de todas as jerarchias, estados e parcialidades, nacionaes e estrangeiras: a cleresia de todas as parochias e collegiadas alli concorreu com religiosa espontaneidade, a dar ao commum pastor o *vale* christão das orações: os campanarios de toda a cidade dobraram todo esse dia; tendo começado na vespera o tríduo de lucto da côrte e o encerramento dos espectaculos.

No dia 9, continuando nas torres o toque de finados e postas em funeral as armas da guarnição e todas as bandeiras de terra e mar, começaram pela manhã os navios e fortalesas a desparar compassadamente a sua artilheria.

Todos os corpos da guarnição de Lisboa e a sua guarda municipal estão formados no campo de Sancta Clara, dando a direita ao visinho mosteiro de S. Vicente; commanda o Exm.º Conde da Ponte de Sancta Maria. A's onze horas chegam SS. MM.: ás onze e meia principia o sahimento, transferindo-se o corpo da capella particular, onde jazia, pela porta do carro, e indo entrar pela do magnifico templo, cuevo da origem da monarchia. Na dianteira do prestito vae um troço de cavallaria, segue-se um capellão do defuncto prelado de habitos talares roxos e chapéu triangular, montado em mula branca com longas gualdrapas negras, levando a cruz patriarcal; após os capellães a cavallo e com tochas, e o mordomo de S. Em.ª de capa rocagante, chapéu desabado e fumo comprido, levando nas mãos o chapéu de cardeal: seguem-se o respectivo parocho de estola preta; um coche puchado a oito, condusindo o corpo n'um caixão forrado de escarlata com cruz de setim branco, todo agaloado de oiro; um esquadrão de cavallaria; um coche de estado, e outro com os capellães, que levam o baculo, o barrete, e a grão cruz; e por ultimo, outro coche do estado patriarcal com o estribeiro do fallecido.

Durando a procissão foi o corpo successivamente encommendado pelo clero das freguezias da capital, que se estendia desde o portão do carro até a porta da egreja. Ao entrar n'ella é o esquife recebido pelo cabido, relação ecclesiastica, côrte, grandes do reino, ministros de estado, etc., etc. e o vão depôr na éça forrada de velludo escarlata, armada no cruzeiro.

Seguem-se as *laudes*, a missa, e as *cinco absolvições do tumulo*, tudo com grande instrumental dos musicos da real camara: depois do que é o corpo deposto na competente capella. Então salva com 21

tiros pela ultima vez o parque da artilharia, as fortalesas e embarcações e com tres descargas a infanteria.

Não devemos ommittir que no decurso da ceremonia funebre, Suas Magestades, que a ella assistiram na sua tribuna, exprimiam no semblante, como o povo, a insofrida saudade que tão leal e tão constante amigo de todos lhes deixava. Dos olhos da rainha e do rei se viram correr lagrimas, se honrosas para o objecto d'ellas, mais honrosas ainda para quem as vertia. El-rei, digno apreciador do que são meritos moraes e intellectuaes, fôra em todo o tempo amigo sincero e intimo do distincto varão. Muitas veses o fôra pessoalmente visitar, esforçal-o e consolal-o na sua enfermidade; certifical-o do affecto que lhe tinha, e offerecer-lhe tudo quanto de suas reaes mãos podesse depender. N'uma d'estas edificantissimas visitas, na ultima d'ellas, houve um lance, que sobre modo releva não deixar no esquecimento; foram muitas doctrinas n'uma só licção.

— Senhor! — disse com voz desfalecida o ancião para o seu augusto amigo, que em pé juncto á cabeceira se debruçava para o escutar — «Senhor! de« sejava eu poder ainda escrever á minha soberana, « protestando-lhe n'esta hora de solemnes desenganos « em que não cabe senão verdade, e jurando-lhe pe« la minha alma, que vae subir á presença de Deus, « que nunca o meu coração deixou um só momen« to de ser fiel ao throno e á patria: que se algu« ma vez desservi (o que não sei) ou a Sua Mages« tade ou a seus subditos, quer no conselho, quer « no ministerio, quer nos parlamentos, ou em algum « outro dos altos logares em que a sua bondade me « collocou, culpa foi sem duvida do meu intendi« mento, nunca, nunca da minha vontade; mas que « por esses mesmos erros se os houve, com a alma « de joelhos e de mãos postas lhe peço humilissima« mente perdão. »

Procurava el-rei tapar-lhe a bocca e só com lagrimas e soluços lhe respondia:

— «Não, não: vós fostes sempre, e ainda agora o « estaes sendo um exemplar de todas as virtudes; um « servidor fiel e incançavel, um homem como, oxalá, « houvera sempre um ao pé de cada throno. Quietae « a vossa consciencia delicada, pensae no céu que é « vosso. «

O velho surriu de innocente alegria; quiz beijar-lhe agradecido a mão, que apertava a sua, com uma expressão indefinivel de amor, e despediu-se do rei da terra para só pensar no do céu, a quem tambem e tão bem havia servido.

— «Oh! quanto custa esta separação de um amigo « e de um pae!» Foram as ultimas palavras que o nobre representante da profunda e religiosa sensibilidade germanica proferiu devorado de dôr, perante o nobre representante da antiga honra e lealdade portuguesa. Que muito pois que ás lagrimas do povo se ajunctassem as lagrimas dos reis n'aquella hora!

Conserva-se o corpo do Em.mo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Francisco II, em S. Vicente de Fóra, sob as mesmas abobadas, em que desde D. João IV se tem ido congregar o pó de tantas grandesas terrestres — reis, rainhas, principes, princezas e infantes: ¡que bem que jaz entre os cadaveres de D. João VI e de D. Pedro IV! de ambos se reflectem resplendores que se misturam com os seus proprios!

—

Com tanto escrever nada havemos ainda tocado do mais importante de sua vida — das suas numerosas e variadissimas obras litterarias. Além das já impressas que todos conhecem e estudam, consta que deixára S. Em.ª vinte volumes ineditos: felizmente param em mãos dignas de tal herança que de certo não tardarão, em os entregar á patria a cuja gloria pertencem. Muito fôra para desejar que o illustrado depositario de tamanho thesoiro encorporasse na impressão com estas obras as já vulgarisadas do mesmo auctor e completasse a collecção, mettendo para ella o mais que podesse das magistraes respostas que S. Em.ª dava quasi quotidianamente ás consultas, que, sobre os casos embaracosos se lhe dirigiam de todos os ministerios, bem como que fizesse um convite geral a todas as pessoas a quem S. Em.ª honrou com lettras suas sobre assumptos litterarios para que, não havendo algum motivo de melindre em contrario, as facultassem ao editor para as dar á estampa.

Pedimos perdão de nos havermos afoitado a estas ultimas ponderações: foi o amor das lettras e da patria quem nol-as sugeriu e de nenhum modo o receio, que não temos nem podiamos ter, de que o digno sobrinho e amigo do sapientissimo finado deixasse de se haver n'isto com o zêlo e juizo, que em tudo geralmente se lhe reconhecem.

FELICIDADE NA DESGRAÇA.

4264 Quando a tropa dava as descargas do estylo por occasião das exequias do Emm.º Cardeal Patriarca, sairam com real apparato da egreja de S. Vicente SS. MM. e a côrte; os cavallos dos coches espantam-se, tomam os freios nos dentes, partem desatinados. Os do coche de SS. MM. vão esbarrar na parede do hospital da marinha: elrei aproveita o momento para saltar fóra com a sua augusta esposa em braços e salva-a. O camarista D. Manuel de Portugal, ao precipitar-se da sua carruagem, tambem arrebatada no turbilhão, para accudir á sua real ama, cae, desloca um braço pelo cotovello e o quebra junto ao pulso: as damas desmaiam, o sóta do primeiro coche quasi ficou esmagado do choque.

O coração dá graças á Providencia, mas treme ainda pensando nas incalculaveis desventuras, que d'este imprevisto perigo se houveram podido originar.

NOVO PRELADO DE LISBOA.

Decreto.

4265 Tendo Deus Nosso Senhor chamado á sua Sancta Gloria no dia sete do corrente mez o Cardeal Saraiva, Patriarcha da Sancta Egreja de Lisboa; e Tomando Eu em consideração o merecimento, lettras, e virtudes, que concorrem na pessoa do Reverendo Bispo de Leiria, Dom Guilherme Henriques de Carvalho: Hei por bem Nomeal-o e apresental-o Patriarcha da mesma Sancta Egreja de Lisboa. O conselheiro José Bernardo da Silva Cabral, ministro e secretario de estado interino dos negocios ecclesiasticos e de justiça o tenha assim entendido, e faça expedir os despachos necessarios. Paço de Belém, em oito de maio de mil oitocentos quarenta e cinco. — RAINHA. — *José Bernardo da Silva Cabral.*